

As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



Comunidade Quilombola Matões dos Moreira

O Quilombo Matões dos Moreira está localizado na zona rural de Codó, a cerca de 40 quilômetros da sede desse município. O território do quilombo envolve também uma área pertencente ao município vizinho, Capinzal do Norte. Peritoró, Timbiras e Alto Alegre do Maranhão são outros três municípios vizinhos de Codó, todos localizados na região leste do Maranhão que é considerada um celeiro étnico por ter dezenas de territórios quilombolas. Codó é banhado por 3 rios permanentes: Rio Itapecuru, de maior extensão, Rio Codozinho, afluente do Itapecuru, e Rio Saco, afluente do Codozinho. Matões dos Moreira fica na margem esquerda do Rio Codozinho. O município Codó também é atravessado por 2 importantes rotas de escoamento da produção





Em Matões, as casas de alvenaria ainda mantêm suas cozinhas de pau-a-pique, lugar de intensa interação, na tradição dos quilombos na localidade.

agroindustrial: a BR-316 e uma linha ferroviária que segue de São Luís (MA) a Teresina (PI), e desta até Fortaleza (CE).

O nome do quilombo faz referência ao antigo território que engloba dois núcleos de moradores: um chamado de Matões (ou de Matão) e outro chamado de Matinha. Esses núcleos envolvem 8 localidades: Matões, Matinha, São Raimundo, Piranga, Igaraninha, Caladinho, Boa Esperança e Ilha. Grande parte dos moradores dessas localidades é descendente dos primeiros habitantes, que foram negros escravizados no Vale do Itapecuru, durante o século 19.

Sobre esse período, registros históricos informam a existência de quilombos entre os Rios Turi e Gurupi, e nas matas de Codó e Meirim, região que era explorada para a produção de algodão, no início do século. A partir de 1830, houve forte declínio da produção algodoeira, tendo como consequência ocorrências de liberação e de abandono dos escravizados pelos fazendeiros. Algumas povoações negras formaram-se nesse contexto de recessão econômica colonial, a partir do apossamento de terras por ex-escravizados, quando do abandono das fazendas pelos senhores. **Na memória dos quilombolas de Matões dos Moreira, seu território se formou com o apossamento de negros que haviam fugido do cativeiro como forma de resistência direta à escravidão, arriscando-se pelas matas e passando *muitas noites sem lua*, como dizem, referindo-se ao sofrimento da sua condição de foragidos e ao temor de perseguições.**

Ao longo do tempo, as terras do quilombo foram tomadas por outros posseiros e fazendeiros. Narrativas sobre conflitos expressam

uma resistência quilombola contra a violência da espoliação da terra. Mais recentemente, a resistência se transformou na luta pelo reconhecimento da sua identidade étnica e pela regularização fundiária do território ancestral. Os quilombolas reivindicam também apoio para melhorar suas condições de permanência no território, no que se refere à infraestrutura, atendimento a saúde e acesso à educação.

Em 2005, foi concluído o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do território tradicional de Matões dos Moreira, definindo sua área em 5.297,1082 ha. A portaria de reconhecimento desse território foi publicada em 2007 e, a partir de 2013, por meio de decreto presidencial, iniciaram as desapropriações necessárias para devolução do território aos quilombolas.

A ocupação do território

Durante o século 18, a chegada de negros escravizados no Maranhão se intensificou. Há registro de colonizadores europeus trazendo escravizados à região do atual município de Codó, em 1780, para exploração dos recursos das florestas. Durante o final do século 18 e início do século 19, a guerra da Independência dos Estados Unidos da América (EUA) prejudicou a exportação de algodão das ex-colônias britânicas, e contribuiu para o aumento dos preços do algodão produzido na colônia portuguesa. A produção algodoeira no Vale do Itapecuru foi decisiva para a promoção do Maranhão a um dos importantes pólos da economia agrária exportadora do Nordeste do Brasil. Essa produção era baseada no trabalho escravo e promoveu o aumento significativo da população de escravizados na região. O povoado de Codó passou a vila em 29 de Abril de 1835, e foi elevado à categoria de cidade, por Lei Estadual, em 1896.

A partir da terceira década do século 19, houve uma crise na monocultura agroexportadora do algodão na região, o que gerou forte declínio na economia do latifúndio monocultor. Não apenas em decorrência dessa crise, o regime escravista estava enfraquecendo e sendo confrontado pelas formações de quilombos, que aumentavam e ganhavam maior visibilidade em toda região. Há registros de que,

mesmo antes deste período, já havia quilombos entre os rios Turi e Gurupi, e nas matas de Codó e Mearim.

Como grande parte dos quilombos dessa região, Matões dos Moreira se constituiu baseado no apossamento coletivo de uma terra e no compartilhamento dos recursos naturais. Sobre o nome do quilombo, existem diferentes entendimentos. Uma versão diz que o nome se refere à densidade da mata na região ocupada, que era bastante fechada. 'Moreira' se refere a uma árvore cujo nome científico é *Maclura Brasiliensis*, e que é abundante no território. Dessa árvore é extraída uma seiva (ou leite) que apresenta benefícios terapêuticos no trato de algumas enfermidades, com efeitos antibacteriano e antioxidante.

Outros dizem que o nome 'matão' significa 'lugar escolhido para plantio' ou 'área de boa colheita'. Nesse sentido, e conforme o modo de expressão dos quilombolas, dizer "aqui tem um matão bom" quer dizer que o local tem plantas viçosas, que a terra é boa para a lavoura.

Outra explicação para o nome 'Matões dos Moreira' se refere à grande presença de famílias de sobrenome 'Moreira' vivendo na localidade. Mesmo entre escravizados, esse sobrenome é possível porque, ao longo da existência do sistema escravista no Brasil, era recorrente a atribuição dos sobrenomes dos proprietários aos seus escravizados.

Narrativas de alguns quilombolas mencionam um fato marcante a respeito da ocupação do território. Dizem que *nos primeiros tempos*, havia um grupo de quilombolas, fugidos do cativeiro, que estava reunido próximo a alguns pés de mangueira, preparando uma carne de



Foto de criança da comunidade colhendo seriguelas e outras jogando futebol.

caça - de cutia, conforme alguns relatos. Tempos depois que a panela foi ao fogo, a carne ainda estava endurecida, quando deveria estar no ponto para ser comida. Começaram, então, a desconfiar da demora do cozimento. Foi quando chegou, para uma visita, uma pessoa que não vivia com o grupo reunido e mencionou que aquele dia era uma 'Quarta-Feira Santa'. Imediatamente, aqueles que estavam preparando a carne a jogaram fora, por terem concluído que a demora no cozimento era um aviso de que não deviam comê-la naquela ocasião.

Essa narrativa, destacada na memória de quilombolas de Matões dos Moreira, sugere que o grupo reunido *nos primeiros tempos* estava bastante afastado, sem muito contato com outras pessoas, pois não acompanhava acontecimentos dos lugares do entorno. Ao serem informados do *dia santo*, jogaram a carne fora, em consideração com a conduta cristã. Essa história é contada a fim de marcar uma singularidade vivida por seus ancestrais: o afastamento, seja geográfico, seja cultural, em relação aos demais habitantes da região. **Os quilombolas comentam que o lugar onde se reuniram os primeiros negros refugiados que deram origem ao quilombo não foi escolhido por acaso, mas porque garantia certo isolamento, em função do difícil acesso e da mata densa.** Ainda hoje nos períodos chuvosos, o quilombo é acessado com dificuldade, pois é cortado em parte pelo rio Codozinho, havendo muitas áreas alagáveis que demandam travessias em canoas ou por uma ponte. Mesmo os automóveis de melhor desempenho em terrenos acidentados têm dificuldade para circular na região, sobretudo no inverno, que no Maranhão corresponde à estação das chuvas.



Imagens da casa de forno em Matão.



Imagens das localidades Matinha e Matão.

As localidades do quilombo

Matões, Matinha, Piranga e Boa Esperança são as localidades do território quilombola com maior número de moradores. Em 2002, na localidade Matões havia 20 residências: 9 distribuídas ao longo do caminho principal que leva para Matinha, e 11 cujo acesso era feito por outros caminhos que partiam daquele principal. Os moradores contavam com 2 poços artesianos, 1 escola com sistema multisseriado e 1 casa-de-forno, onde produziam a farinha de mandioca. Grande parte dos moradores de Matões é parente dos moradores da localidade Matinha.

Na Matinha havia, em 2002, 10 casas, em maioria de parentes, que compartilhavam um poço coletivo e usavam também o riacho próximo para tomar banho e prover água aos animais. Nessa localidade, o cultivo de arroz é mais presente, plantado para consumo doméstico e também para a venda, contando com uma máquina para seu beneficiamento. Mas a mandioca também é cultivada, além de melancia, cuxá, abóbora, maxixe, melão e quiabo, estes apenas para consumo das famílias. Existe também, na Matinha, um açude compartilhado por todos os moradores.

São Raimundo fica entre Matinha e Piranga, em uma área mais elevada no território quilombola. Contava, em 2002, com apenas 3 casas, mas é lembrado como um lugar que no passado teve muitas moradias. Nessa localidade havia a chamada *casona grande de São Raimundo do Luca* que era a sede da Fazenda Orcaisa, cuja área correspondia em grande parte à área do território quilombola.

Piranga é outra localidade de Matões dos Moreira, situada dentro dos limites do município Capinzal do Norte, vizinho de Codó. A localidade tinha cerca de 25 casas, em 2002. Lá, também, os moradores contavam com uma máquina de beneficiamento do arroz.

Igaraninha tinha apenas 3 moradias, em 2002. É localizada no caminho que dá acesso à rodovia federal, que liga os municípios Peritoró e Capinzal do Norte. Caladinho é outra localidade do território quilombola que, em 2002, tinha 7 residências, todas de parentes de um senhor conhecido como Antônio Baixinho. Dessa localidade é possível ter acesso às outras áreas quilombolas, Piranga e Boa Esperança.

Boa Esperança fica bem próxima da rodovia estadual que liga Codó ao município Santo Antônio dos Lopes. Grande parte das lideranças quilombolas de Matões dos Moreira vive nessa localidade, há muitas décadas. Em 2002, existia ali por volta de 30 residências, 1 associação de moradores, 1 máquina para beneficiamento de arroz, 2 casas-de-forno e 2 açudes.

A localidade Ilha contava com 4 residências, em 2002. Fica nas proximidades de um dos caminhos que dá acesso a um quilombo vizinho de Matões dos Moreiras, chamado Santo Antônio dos Pretos, localizado na margem direita do Rio Codozinho.

Matões dos Moreira e sua gente

Os quilombolas de Matões dos Moreira distinguem os moradores entre *pretos* e *cabocos*. Os chamados *pretos* são os que possuem a cor da pele mais escura e que são descendentes dos mais antigos moradores do quilombo. Os *pretos* dividem-se em 3 grupos de parentes: os descendentes de Antônia; os descendentes de Tomás; e os chamados *pretos do Matão*, filhos de Dionísia.

Cabocos são as pessoas com a cor da pele mais clara, mesmo que tenham os cabelos crespos, e as que têm os cabelos lisos, mesmo que tenham a pele escura. São denominados assim pelos chamados *pretos*, quando comparam as suas características com a dos outros.

A tendência no quilombo é de que os parentes morem mais próximos uns dos outros, o que faz com que haja maior concentração

de *pretos* ou de *cabocos* nas diferentes localidades. Na localidade Matinha, por exemplo, residem apenas *pretos*. Já na Boa Esperança os *cabocos* são a maioria.

De maneira geral, os quilombolas de Matões dos Moreira são agricultores familiares e fazem suas roças no entorno dos povoados, a certa distância, atrás de suas casas, ou em clareiras mais distantes, entre 5 e 60 minutos de caminhada a partir do povoado. As relações de vizinhança favorecem a troca entre si de alguns bens e serviços. Grande parte das mulheres se ocupa da coleta do coco babaçu, e as que são vizinhas costumam trabalhar em conjunto: carregam os cocos em jumentos e os levam para o lugar onde serão quebrados para extração das amêndoas.

No quilombo, é comum a família se organizar em torno da mãe e a descendência ser considerada sempre a partir dela. Existe uma recorrência, no que se refere aos casamentos: em geral, os homens saem de seus povoados para casar fora; já as mulheres permanecem, casando-se com homens que, em geral, vêm de outros povoados. É comum também que os povoados de origem desses homens *de fora* sejam comunidades de *pretos*, nos termos da definição local. Essa situação também é observada entre aqueles identificados como *cabocos* – é comum *cabocos* de fora do quilombo se casarem com mulheres de dentro.

As moradias dos povoados do quilombo geralmente são habitadas pela mulher, seu esposo e seus filhos. Porém, há casos de mulheres que moram apenas com os filhos, e também casos de mulheres que



Escola localizada na localidade de Matão.

moram sozinhas. As famílias de parentes mais próximos costumam morar e trabalhar próximas, embora haja boa distância entre suas casas, permitindo que ao redor de muitas delas, sejam feitas as roças.

As atividades e suas relações ligadas à agricultura regem, de forma destacada, o modo de vida no quilombo. É mais comum que as roças sejam trabalhadas pelos homens e, em geral, devido à idade avançada das mães dos homens adultos, considera-se que elas não devam se ocupar com essa atividade, tomada então, geralmente por seus filhos. É comum que um homem trabalhe tanto na própria roça como na roça de sua mãe, sendo, contudo, o domínio dessa roça mantido com sua mãe.

Os quilombolas de Matões dos Moreira têm reclamado melhores condições para a educação de seus filhos, pois, ou permanecem na comunidade e deixam de estudar, ou saem muito cedo para estudar fora, vivendo distante dos pais e tornando-se mais vulneráveis nas cidades. Na escola com sistema multisseriado que funciona em um salão da localidade Matão, um professor atende a todos os alunos dos primeiros anos do ensino fundamental. Há uma grande carência de escolas que ofereçam ensino fundamental e médio, no quilombo, e que assim possibilitem a permanência do estudante quilombola em sua comunidade. Nem todas as crianças, adolescentes e jovens quilombolas conseguem continuar estudando, e os que conseguem precisam morar na cidade de Codó. Algumas famílias arranjam meios para que seus filhos se mantenham na cidade, muitas outras não têm essa condição.

Outra necessidade relativa à escola é um currículo dedicado às particularidades socioculturais de um quilombo, que considere sua história e as relações étnico-raciais, e que também estimule à formação de professores quilombolas.

Além da falta de escolas que promova a saída de adolescentes e jovens do quilombo, há carência de assistência à saúde. Pessoas que solicitam um acompanhamento médico regular precisam mudar-se para a cidade de Codó, pois no quilombo não conseguem o devido atendimento.

Festas quilombolas e religiosidade

Festividades e religiosidade são componentes fortes da identidade quilombola em Matões dos Moreira. Os momentos festivos são marcados pela música, danças, e culinária. Essas práticas dependem de saberes tradicionais de mestres e mestras que os transmitem de geração a geração. As chamadas brincadeiras, o Tambor de Crioula, o Bumba Meu Boi e a Mangaba, são bastante característicos do lugar.

Contam que a brincadeira da Mangaba é uma dança de origem africana que chegou no Maranhão, mais especificamente, no Vale do Mearim, no período da colonização. Os brincantes dançam em pares ao toque dos músicos que utilizam cabaças, latas e pandeiros. A cantoria é marcada por improvisações com refrões repetidos por um coro. As mulheres se vestem com saias coloridas, feitas com grande quantidade de tecido, para formar uma roda ampla quando giram.

Através da música, com as cantorias, o Tambor de Crioula difunde narrativas que discutem o cotidiano, e experiências de opressão e de resistências, desde os tempos do cativo. A organização mais comum acontece com a participação das mulheres na dança e na



Imagem da Padroeira, Santa Luzia, tirada de um quadro da sala de uma moradora e imagem do pavilhão onde ocorrem reuniões e festas.



Imagem da igreja evangélica, Comunidade de Fé, na localidade de Matão, e, ao lado, imagem de integrante da comunidade quilombora em celebração de religião afro-brasileira.

cantoria, e os homens tocando os tambores. São utilizados três tambores feitos de madeira e couro, de tamanhos distintos, produzindo sons com tonalidades diferentes.

Há várias manifestações religiosas e muitas vezes é experimentado um trânsito entre elas. Há um terreiro de Terecô (uma forma religiosa de matriz africana, também conhecida por Tambor da Mata), uma capela católica e uma igreja evangélica. Muitas das comemorações de uma e de outra manifestação religiosa ocorrem no salão construído pela associação do quilombo.

É comum as festas comemorativas de santos católicos ocorrerem junto com brincadeiras ligadas às religiões afro-brasileiras. São Raimundo é homenageado no dia 31 de agosto, Nossa senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro, Santa Luzia - padroeira do quilombo – é homenageada entre 12 e 13 de dezembro. Uma celebração em honra ao São Francisco, cuja data de homenagem não é precisa, ocorre na sequência das colheitas e após o retorno da caravana que vai, em romaria, homenagear o santo na cidade de Canindé, no Ceará. Durante essas festividades, é comum que, além das rezas e ladainhas, ocorra a dança da Mangaba, o Tambor de Crioula, o Bumba Meu Boi e rituais do Terecô. Muitas outras festas não religiosas também acontecem no quilombo.

Luta pelo território

Os quilombolas de Matões dos Moreira contam que passaram muitas *noites sem lua*, sofrendo com medo da perseguição e das ameaças feitas por fazendeiros, como retaliação à sua luta pela garantia do direito à titulação do território ancestral.

As lutas do passado são motivo de admiração e encorajamento às gerações atuais. Os antepassados desses quilombolas são os que mais lutaram contra a espoliação das terras e, nos dias de hoje, são inspiração para a luta contínua pelo direito à terra e por melhores condições de vida.

No território há 3 associações, uma na região que contempla Martinha e Matões, a segunda em Boa Esperança e a terceira em Piranga. Por meio das associações é possível acessar recursos para construção de benfeitorias de uso coletivo, como poços artesianos e estradas; para aquisição de equipamentos, como máquinas de beneficiamento de arroz e mandioca; e para instalação de energia elétrica entre outras coisas importantes para o bem viver.

Os quilombolas de Matões dos Moreira ainda esperam a conclusão do processo de titulação de suas terras. Por isso, eles não podem ocupar toda a extensão que reivindicam como território quilombola. Contudo, o quilombo continua lutando pela regularização de toda a área habitada e trabalhada pelos seus ancestrais. Diante das graves dificuldades já enfrentadas, eles consideram que muito já foi alcançado: não estão mais sob a ameaça de que as terras atualmente ocupadas sejam embargadas ou espoliadas.

Ainda que tenham *passado muitas noites sem lua*, os quilombolas de Matões dos Moreira continuam fazendo suas roças e realizando suas festas, e seguem lutando pela titulação do território. Na comparação com os tempos mais difíceis, quando dos conflitos diretos com invasores, os dias de hoje são vividos com muita esperança, na expectativa de que a efetivação do direito de uso e da posse definitiva do seu território quilombola é uma *questão de tempo*.

Conforme expressa Ana Emília Moreira Santos, presidenta da Associação do quilombo de Matões dos Moreira, e vinculada à Coordenação

Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) e a Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão (ACONERUQ):

A questão quilombola é territorialidade, porque quilombola sem território não é quilombola, ele não se acha. O território vai além, é onde você pode mexer, caçar, pescar, tirar cipó, faz tudo. É tudo uma questão de costumes e de valores. Gostaria de pedir a sociedade, que parem e pensem e venham nos ajudar. Que abram a cabeça e procurem saber uma grande realidade quilombola, e aí, assim, seremos parceiros e a coisa desenvolve, pedindo um apelo para todos, um apelo no bom sentido, que todos se unam, pensem e parem, para que juntos a gente faça essa parceria, aí sim, agente muda. A gente não quer tomar o patamar, a gente quer estar na igualdade. Ser quilombola é um momento de orgulho, se auto-assumir. Sair de uma cidade grande e vir para o seu verdadeiro âmbito, deixando tudo lá na cidade que nos oferecem. É por isso que eu sinto orgulho em ser quilombola. Quilombola pra mim é uma história, quilombola pra mim é dizer para esse país que eu não queria vir pra cá, me trouxeram. Dizer para esse país, desconstruir ele para construir o país que nós precisamos, porque quem faz e quem conta essa história somos nós. É dizer para esse país que, quem mantém esse país fomos, somos e seremos nós. Dizer para esse país que quilombola é gente, é fruto de um país onde há muitos massacres. Dizer que eu preciso de uma escola boa, de saúde, que não só preciso, que eu tenho direito. Dizer para esse país que quilombola está aqui no meio do mato, mas é ele que sustenta esse país. Isso para mim é que é ser quilombola.

Esta narrativa foi escrita por Greilson José de Lima com base no Relatório Antropológico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Negra Remanescente de Quilombo Matões dos Moreira, realizado pelo antropólogo Aniceto Cantanhede Filho no município de Codó - MA.

Uma palavra da comunidade

Matões dos Moreira

A questão quilombola, além do que os fatos históricos descritos aqui apontam, trazem outras questões como: a permanência das pessoas no campo e o êxodo rural, as questões raciais e étnicas, as políticas de apoio às formas associativas e produtivas, no campo. O Maranhão, entre os Estados brasileiros, é um dos poucos em que a população rural é maior que 30% do total. Em Codó, das 118.038 pessoas contabilizadas, em 2010, 36.994 moram na zona rural. As constantes investidas para a retirada ou expulsão das comunidades quilombolas dos territórios que habitam centenariamente, ou o não investimento em melhores condições de educação e saúde nesses territórios, têm levado essa população negra para as periferias das cidades de todo Estado do Maranhão. Nessas periferias, as moradias são precárias e há grave exposição dessa população à violência urbana.

É possível constatar que grande parte dos negros que vivem nas periferias do Maranhão, não apenas em São Luís, mas também em outras cidades como Codó, foram expulsos de suas terras no campo. Muitas das terras que eram de comunidades negras hoje não são mais: enquanto algumas famílias sofreram uma expulsão direta, abrupta, do seu território, outros precisaram sair para estudar ou em busca de trabalho. Dessa forma, além da luta pela titulação dos seus territórios, comunidades como Matões dos Moreira, precisam de melhores condições e incentivos para permanências de suas futuras gerações, no campo.

Na localidade de Matão há uma escola multisseriada em que um docente atende a todos os alunos de idade e fases diferentes de aprendizado dos primeiros anos do ensino fundamental. Ela funciona em um salão. Essa modalidade de ensino está muitas vezes relacionada à baixa densidade populacional na zona rural, poucos alunos matriculados e a carência de professores e de infraestrutura.



Moradores de Matões dos Moreira em Reunião para discutir sobre a produção desta narrativa .

Muitas das crianças e adolescentes da comunidade que conseguem continuar estudando precisam ir morar na cidade de Codó. Algumas famílias conseguem meios para que seus filhos continuem estudados, promovendo a permanência destes na cidade, no entanto, outras crianças encerram, nos primeiros anos, a sua vida escolar. Muitos quilombolas em Matões dos Moreira têm reclamado melhores condições para educação de seus filhos que, quando ficam na comunidade deixam de estudar, e quando saem, ficam muitas vezes distantes dos pais, tornando-se mais vulneráveis sem esse convívio, se distanciando da comunidade, o que promove uma forma particular de êxodo. Em Matões dos Moreira, há uma grande carência de escolas mais bem estruturadas, com ensino fundamental e médio que promovam a permanência do estudante na localidade e o direito de todos estudarem. Há também a necessidade de um currículo voltado para as particularidades locais, as questões étnico-raciais e o estímulo à formação de professores da localidade.

É grave também a ausência de assistência à saúde: pessoas com problemas de saúde que precisam de um acompanhamento maior de médicos precisam buscar estratégias para se fixar na cidade de Codó.



Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Soares Campos e Carlos Eduardo Marques
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves, Marilene Ribeiro
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Priscila Z. Martins, Danúbia Zanetti
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

L732q Lima, Greilson José de
Quilombo Matões dos Moreira / Greilson José de Lima. - Belo Horizonte :
FAFICH, 2016.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseado em: Matões dos Moreira : relatório antropológico de Aniceto Cantanhede Filho e do Relatório técnico de identificação, delimitação territorial e reconhecimento da comunidade remanescente de quilombo Matões dos Moreira, Município de Codó – MA.

1. Quilombos. 2. Antropologia. I. Cantanhede Filho, Aniceto. Matões dos Moreiras : relatório antropológico. II. Relatório técnico de identificação, delimitação territorial e reconhecimento da comunidade remanescente de quilombo Matões dos Moreira, Município de Codó – MA. III. Título. IV. Série.

CDD:306

CDU:39

MICHEL TEMER
Presidente da República

ELISEU PADILHA
Ministro da Casa Civil

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO
Secretário Especial de Agricultura Familiar
e do Desenvolvimento Agrário

JEFFERSON CORITEAC
Secretário Executivo Adjunto de Agricultura
Familiar e do Desenvolvimento Agrário

CARLOS EDUARDO BOVO
Diretor da Coordenação-Geral de Gestão
Estratégica, Monitoramento e Avaliação
(CGMA/ NEAD)

WILLY DE LA PIEDRA MESONES
Coordenador-Geral de Gestão Estratégica,
Monitoramento e Avaliação (CGMA/ NEAD)

LEONARDO GÓES SILVA
Presidente do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES
Diretor de Ordenamento da Estrutura
Fundiária - Incra

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS
Coordenador Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS
ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico – Superintendências do
Incra nos estados

A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS
CENTRO DE ESTUDOS
RURAIS E AMBIENTAIS

IB
CES - AL

Quilombos

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL
GOVERNOS UNIDOS